

44.

## PONTE DO ARCO



Rua do Arco  
Folhada  
Marco de Canaveses



41° 13' 19.72" N  
8° 5' 17.22" O



918 116 488



×



×



Imóvel de Interesse  
Público, 1982



P. 25



Acesso livre



×

Situada em local de exuberante paisagem, onde abundam carvalhos, a Ponte do Arco liga as margens de duas paróquias, Folhada e Várzea da Ovelha e Aliviada, no atual município do Marco de Canaveses. Até ao século XIX encontrava-se no âmbito do concelho de Gouveia. Alçada sobre o rio Ovelha faz jus ao nome, constituindo-se como Ponte de um único arco, de grandes dimensões, sobre o qual se sustenta um tabuleiro em cavalete, com as suas guardas. O facto de aproveitar afloramentos de cada margem confere-lhe uma delicadeza e verticalidade só quebrada pelo desfasamento dos silhares de arranque, na margem direita, cuja posição foi interrompida para colocação do cimbra (a estrutura em madeira que serve para molde do arco). Porém, apesar desta discordância, o arco não deixa de constituir-se como uma expressão de arquitetura, devida a mestres canteiros com experiência. Apesar do pároco de Folhada a considerar, já em 1758, muito antiga, devemos situar a sua construção no período moderno, durante o qual se continuaram a reproduzir modelos que provinham da Idade Média. Apesar de a sua estrutura se apresentar em forma de cavalete, o facto de não se associar a esta forma o arco quebrado – modelo



comum nas travessias góticas – colocamos perante uma cronologia mais tardia. Ainda que esteja fora do leito de cheia, foi adossado à Ponte um talha-mar, encostado à face este da estrutura, e junto do qual foi aberto um vão de formato sensivelmente retangular, que permite o escoamento de água em cheias excêntricas ou a condução de certo rego (para abastecimento de moinho ou lima de terras).

Juntamente com a ponte de Aliviada, a jusante, a Ponte do Arco faria parte de uma rede municipal ou inter-paroquial de caminhos que ligavam povoações relativamente próximas. As estradas regionais passavam a norte (Amarante-Lamego) ou a sul (Penafiel-Douro), respetivamente sobre as pontes de Amarante-Padronelo e Canaveses, hoje inexistente (p. 177 e 180).

## A IMPORTÂNCIA SOCIAL DAS PONTES

Ao contrário do que se possa pensar, viajar na Idade Média e durante a Época Moderna era perigoso e dispendioso. Será, por isso, errado considerar todas as pontes como infraestruturas de carácter regional, nacional ou mesmo internacional, destinadas a assegurar a circulação deromeiros ou peregrinos a grandes santuários, como Roma (Itália) ou Santiago de Compostela (Espanha). É, sobretudo, na modernidade que as peregrinações se fazem mais regularmente: nos finais da medievalidade ocorre um ciclo climático que propicia as deslocações, multiplicam-se os santuários com invocações marianas e com apelo à terapêutica de vários santos patronos.

Na região de Amarante visitava-se o corpo de São Gonçalo (p. 278), desde a Idade Média buscava-se Santa Senhorinha, em terras de [Cabeceiras de] Basto, e a partir do século XVI passava-se o Douro para procurar auxílio junto da Virgem da Lapa (Sernancelhe), nas serranias da Nave. Os grandes - reis, rainhas e bispos - iam a Santiago de Compostela e a Roma. Mas, mais frequentemente, o camponês dispunha de um considerável número de ermidas que, nas proximidades de sua casa e da sua paróquia, o poderiam auxiliar, a si e à sua família, aos seus animais e às culturas, em caso de fervorosa invocação.